

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

JOSÉ ARNALDO FERNANDES JÚNIOR

**UM OLHAR SOBRE O COTIDIANO:
O TRAJETO COMO JORNADA CRIATIVA**

**BRASÍLIA
2022**

JOSÉ ARNALDO FERNANDES JÚNIOR

**UM OLHAR SOBRE O COTIDIANO:
O TRAJETO COMO JORNADA CRIATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, como requisitado à obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais, sob orientação do Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira.

BRASÍLIA

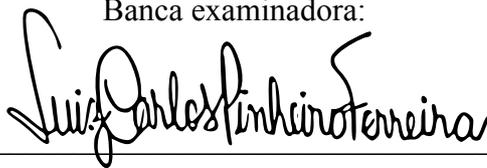
2022

**Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais**

José Arnaldo Fernandes Júnior

**UM OLHAR SOBRE O COTIDIANO:
O trajeto como jornada criativa**

Banca examinadora:



Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira – Orientador e Presidente da Banca. Departamento de Artes Visuais - Universidade de Brasília



Professora Dra. Ana Paula Aparecida Caixeta
Departamento de Artes Visuais - Universidade de Brasília



Professora Dra. Luísa Günther
Departamento de Artes Visuais - Universidade de Brasília

DEDICATÓRIA

Dedico a todos os professores que tiveram um olhar acolhedor suficiente para entenderem meu cotidiano, assim como meu próprio olhar, influenciando minha forma de ver o mundo e meu trajeto nessa vida.

AGRACECIMENTOS

A Professora **Ana Paula Caixeta** por me ensinar de forma tão humilde que não há vergonha em não saber, e a ter curiosidade na dúvida.

A Professora **Cristina Azra Barrenechea** por suas indagações e seu olhar acolhedor.

A Professora **Denise Conceição Ferraz de Camargo** por me mostrar a beleza do olhar.

Ao professor **Luiz Carlos Pinheiro Ferreira** por salientar com delicadeza o olhar sobre a minha história de vida.

A **mim, minha família e amigos** pelo cuidado, amor e dedicação.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste no estudo do olhar sobre o cotidiano, e sua influência no campo dos trajetos como uma jornada criativa, aplicado à formação em artes visuais, pois o cotidiano participa ativamente na formação do sujeito e, particularmente, na formação do olhar. Nesse sentido, o trabalho apresenta reflexões sobre o cotidiano e sua importância para o processo de formação do educando, considerando como o movimento de olhar sobre os trajetos, produz sentidos subjetivos e particulares, tornando a cidade como um artefato de investigação. Assim, o cotidiano pode ser pensado como um método, uma proposição pedagógica de ensino, sobretudo a partir de histórias e experiências de vida.

Palavras-chaves:

Artes visuais; Cotidiano; Olhar; Percepção; Trajeto.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Nascer do sol – Claude Monet 13

Disponível em: <https://www.marmottan.fr/en/collections/claude-monet/> **Acesso em:** 23/04/2022

Figura 2– Estação Galeria – Maria Luiza Porto 15

Disponível em: <https://www.portomaria.com/>. **Acesso em:** 23/04/2022

Figura 3– Tilted Arc – Richard Serra 31

Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artists/richard-serra-1923/lost-art-richard-serra>. **Acesso em:** 24/04/2022.

Figura 4– Casa da Bruxa 32

Disponível em: <https://goo.gl/maps/FACArLKF5B6zzUYp7>. **Acesso em:** 24/04/2022.

Figura 5 - Casa da Bruxa 33

Disponível em: <https://goo.gl/maps/FACArLKF5B6zzUYp7>. **Acesso em:** 24/04/2022.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

.....Error! Bookmark
not defined.9

PRIMEIRO TRAJETO.....11

1.1 O cotidiano como jornada criativa 11

1.2 Um olhar sobre superfícies e objetos

.....**Error! Bookmark not defined.**

SEGUNDO TRAJETO.....

Error! Bookmark not defined.

2.1 O olhar como potência.....

Error! Bookmark not defined.

2.2 O olhar e o pensamento: formas de aquecer o corpo

.....**Error! Bookmark not defined.**

TERCEIRO TRAJETO

.....Error! Bookmark not
defined.

3.1 O olhar como método reflexivo

.....**Error! Bookmark not defined.**

3.2 Proposição cartográfica para o ensino de artes visuais.....

Error! Bookmark not defined.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

.....Error! Bookmark not defined.

REFERÊNCIAS:

.....Error! Bookmark not defined.

ANEXOS:45

INTRODUÇÃO

Minhas lembranças mais longevas são de trajetos, de caminhos que fiz com meus familiares, e das brincadeiras de imaginação que fazia comigo mesmo por esses percursos, memórias que fazem parte da minha criança que continuou na vida adulta, surgindo como uma curiosidade criativa a partir do olhar, e justamente por isso tornou-se tema deste Trabalho de Conclusão de Curso: um olhar sobre o cotidiano: o trajeto como jornada criativa.

Alguma coisa no modo de ver o mundo sempre me chamou a atenção, algo que surgiu como uma inquietação ansiosa na infância, sobre a espera da chegada a algum local, nos trajetos da vida, mas que na vida adulta tornou-se uma forma de olhar subjetiva, pela minha capacidade de ver, presenciar e apreciar o cotidiano, algo que hoje eu entendo como capaz de ser uma ferramenta metodológica. Por esta constatação surgiram algumas indagações que posteriormente se desenvolveram nesta pesquisa, tais como: um olhar sobre o cotidiano pode ser capaz de desenvolver uma prática Arte-Educadora? Qual a importância do cotidiano para o processo de formação criativa do sujeito? Quais as minhas experiências pessoais com o cotidiano? Quais questões foram determinantes para olhar o cotidiano, e como trabalhar as suas possíveis potencialidades? Qual proposição poderia usar para pensar diferentes cotidianos?

Quanto a essas questões, esse trabalho se divide em três vertentes denominadas de trajetos, como percursos de um caminho do qual traço para ser capaz de aprofundar as questões sobre o olhar e o cotidiano, me baseando em artistas e pensadores que trabalham sobre essas temáticas, assim como meu próprio olhar, produção, história e trajeto cotidiano. Saliento também, que não tenho pretensão de responder às perguntas indagadoras de forma conclusiva, mas, sim, trazer reflexões que possam contribuir com o campo de formação e atuação em artes visuais.

Ao iniciar essa pesquisa, tive que voltar ao meu passado para de fato entender a importância desse tema, não somente pela minha questão histórica sobre o trajeto e o olhar, mas por sua influência em me fazer perceber a necessidade de uma nova forma de educar. Educação capaz de me fazer criar sentido no que aprendo e ensino, por perceber que os moldes atuais estão "engessados" há muito tempo, parafraseando Ana Mae Barbosa (2019), e que mesmo na minha época de ensino médio de 2012 a 2014 eu não conseguia criar uma conexão com o

que me era ensinando, e diversas vezes fiz, assim como meus amigos o questionamento "Por que eu estudo isso?", eu não conseguia entender o objetivo ou finalidade de estar "aprendendo" o que me era "ensinado". Coloco entre aspas por hoje conseguir dar outro sentido a essas palavras por meio dos ensinamentos de Paulo Freire (2016), assim entendendo que o aprender deve está ligado ao cotidiano e a realidade de quem estuda, e que ensinar não é apenas transmitir conhecimento.

Nesse sentido, o trabalho encontra-se dividido da seguinte forma: no primeiro trajeto trago reflexões e apontamentos sobre o cotidiano e sua importância para o processo de formação do educando, assim como o conceito de cotidiano segundo Michel de Certeau (1998), no decorrer do capítulo trago Paulo Freire (2016) como referência na área da educação, e por sua filosofia pensada nas experiências cotidianas do discente, da mesma forma como referência da área da Arte educação me aproprio dos discursos de Ana Mae Barbosa (2019) e a ideia da abordagem triangular, onde entendemos que a prática artística sobre o cotidiano precisa ser contextualizada, fazendo uma conexão entre a teoria e a prática. Do mesmo modo, movimento um novo olhar sobre trajetos cotidiano, dando importância para sua questão subjetiva e individual, tornando a cidade um artefato de investigação, citando duplamente Cristiane Terraza Herres (2015) e Certeau, dos quais me aprofundei a partir de suas pesquisas.

No segundo trajeto, trago reflexões sobre a importância e o porquê de olhar para o cotidiano, assim como sua questão teórica e prática, nesse contexto utilizo como braço direito (pensando nessa expressão como alguém em quem pude confiar para abarcar meus pensamentos) o artigo "*Histórias do sujeito e formação em arte*" de Ronaldo Alexandre Oliveira e Fernando A. Stratico (2012). Igualmente, amplio o conceito do olhar a partir de pensamentos, reflexões e experiências pessoais e cotidianas.

No terceiro trajeto e ultimo capítulo dou continuidade as reflexões nos capítulos anteriores dando ênfase na questão metodológica a partir do cotidiano, e, por conseguinte, o olhar sobre o trajeto cotidiano, constituindo-o como parte da nossa história e da nossa vida, servindo como referência de prática docente, tendo como orientação o artigo "*Aprender história do ensino de Arte através da realização de história da vida*", de Fernando Hernández, Irene Tourinho e Raimundo Martins (2017), dando ênfase na abordagem de História da vida voltada para o olhar sobre o trajeto cotidiano como abordagem cartográfica.

PRIMEIRO TRAJETO

1.1 O cotidiano como jornada criativa

Presenciamos há algum tempo, questões do cotidiano inseridas no movimento da arte contemporânea, sejam objetos, percursos, trajetos e experiências, que de maneira enriquecedora absorveram novas percepções sobre o cotidiano na arte, o que vem estimulando novos olhares para o que nos rodeia. Olhar que possibilita construções práticas e metodológicas que podem acontecer dentro (ou fora) da sala de aula, surgindo novos elementos didáticos com potencialidade para dar novos significados as nossas histórias e experiências (pessoais e coletivas). Para um aprofundamento sobre o que seria o cotidiano trago a definição segundo Certeau, ao enfatizar que

cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilhar), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. Todo dia, pela manhã aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, e a partir do interior. É uma história à meio-caminho de nós mesmos, quase retirada, às vezes velada [...]. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta “não história”, como o diz ainda A. Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível [...] Não tão invisível assim” (CERTEAU, 2011, p. 31).

Elucidado por Certeau podemos perceber que o cotidiano faz parte das nossas vidas, assim sendo, possibilidades artísticas podem surgir a partir dele, vide Duchamp com a sua obra “*A Fonte*” (1917), um urinol que mudou a visão sobre a arte, de acordo com Jacques Leenhardt (1994, p. 344), “depois de Duchamp, de fato, os artistas nunca mais voltariam ao estado de inconsciência perdido no começo do século”, isso nos mostra que uma mudança no olhar pode, e é capaz de novas construções, tanto de consciência quanto de criação a partir do cotidiano. De Duchamp para os tempos atuais tivemos uma imersão cada vez maior do cotidiano, principalmente dentro das galerias, no entanto, sua importância não fica restrita a esse espaço, ou algum espaço, e pode ser apreendida inclusive por Paulo Freire em “*Pedagogia do Oprimido*” (2016), onde diz que o estudante a partir do seu cotidiano e relação com o mundo constrói suas experiências, que podem e devem ser usadas dentro da sala de aula, principal-

mente nas aulas de Arte-Educação, pois assim como Freire, Ana Mae Barbosa (2019), uma de suas discípulas e Arte-educadora, nos propõe um ensino baseado no cotidiano do estudante, com a cultura que o cerca e com a cultura dos outros. Barbosa em seu livro “*A imagem no ensino da arte*” (2019), nos trás a perspectiva de que para um devido ensino das artes é necessária uma contextualização, mas não só uma contextualização sobre um movimento da arte, obra ou artista, mas trazer o contexto (em outras palavras o cotidiano) para que se possa fazer “sentido na vida daqueles que a observam”(BARBOSA, 2019, p. 26), isto é, possibilitar ao estudante a partir do seu cotidiano, das suas vivências, uma experiência de educação estética, aqui emprego educação estética como Ana Mae Barbosa cita em seu livro, como uma educação capaz de gerar tanto conhecimento quanto possibilidade de compreensão do valor da arte.

Voltando mais uma vez ao conceito de cotidiano, pensemos o trajeto como parte ou como o próprio cotidiano, assim também como uma ação, pois o trajeto é o espaço percorrido de um lugar a outro; uma trajetória; um percurso; segundo o dicionário Oxford Languages, focando nos trajetos, e pensando neles como ações cotidianas ou como o próprio cotidiano, sejam os percursos que fazemos dentro de casa ou o caminho escolar, há algo de peculiar nos trajetos, porque é uma pratica quase que individual, se formos pensar, por exemplo, no percurso da casa do estudante até a escola, percursos que podem ser usados de forma a ligar o ensino da arte e sua historia a questões da realidade cotidiana. Assim, podemos usar inclusive o clima, como oportunidade fomentadora, ligando, por exemplo, o quadro “*Nascer do sol*” de Claude Monet, onde trazemos questões de reflexão sobre sensação, temperatura, sentimento, até politica e história, fazendo um adendo até mesmo à revolução industrial e meio ambiente.

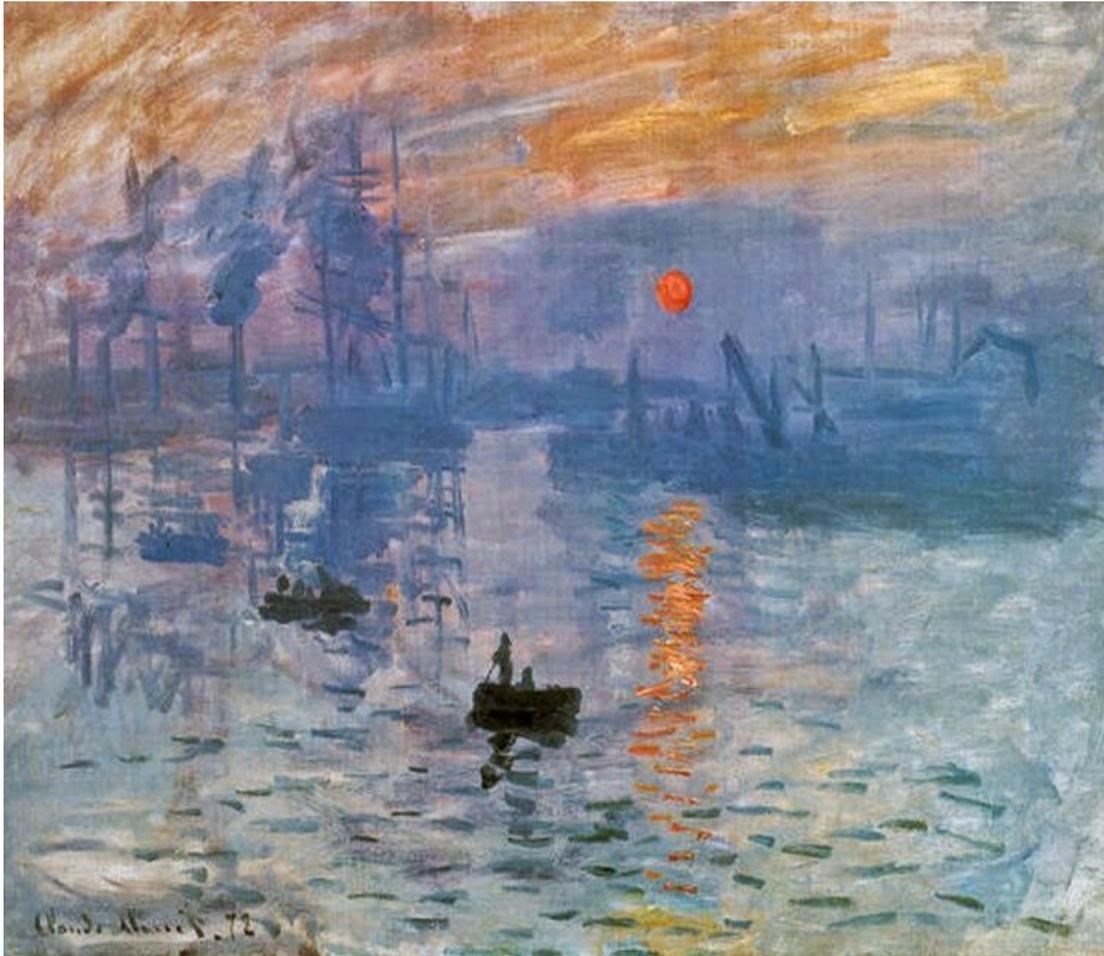


Figura 1– Nascer do sol – Claude Monet.

Disponível em: <https://www.marmottan.fr/en/collections/claude-monet/>. Acesso em: 23/02/2022

A partir da imagem temos diversas possibilidades, como as apresentadas no final do parágrafo anterior, relacionadas às áreas de história, biologia e artes visuais, como exemplos. Portanto, a partir das proposições apresentadas por Barbosa em “*A Imagem no ensino da arte*” (2019), onde apresenta um método chamado multipropósito de Robert Saunders, pelo qual com o uso da imagem ou de reproduções (reproduções em tamanho real, o mais próximo possível do real), podemos estabelecer uma relação diferente entre estudante-professor, do que seria com o uso de slides e com as luzes apagadas, segundo o próprio autor do método) como instrumento de ensino pode ser capaz de criar uma educação estética, uma percepção visual, do mesmo modo que trabalha as mudanças históricas e a autoidentificação, esse método conforme Saunders, vem pela ideia de que estamos mudando da cultura verbalmente orientada para cultura visualmente orientada (2019, p. 72), seja pela internet, televisão ou celular.

No contexto das aulas de Artes visuais, assim como na arte contemporânea, existem questões que vão além de certo espaço, percebe-se uma necessidade de mudança dentro do ensino, algo que Ana Mae Barbosa nos avisa desde os anos de 1980, com discussões, reflexões e falas. Segundo a autora são oportunidades de entrelaçamento entre a história/experiência do outro e a arte, cito a arte por ser minha área de estudo, mas Ana Mae Barbosa nos propõe por meio desse livro que o uso das artes, assim como o cotidiano, podem ser usados como ferramenta de aprendizagem de todas as disciplinas. Assim, mais uma vez percebemos a necessidade e importância de trabalhar o cotidiano, e pensá-lo, nas múltiplas tarefas que fazemos, nos detalhes ordinariamente “chatos” da rotina e no corriqueiro. É um exercício e uma prática artística de diversos artistas e pensadores, um exemplo de artista que trabalha sobre o conceito de cotidiano é Maria Luiza Porto, uma amiga e artista, que percebeu no cotidiano e na memória formas de criação e autoanálise.



Figura 2– Estação Galeria – Maria Luiza Porto.

Disponível em: www.portomaria.com/. Acesso em: 23/02/2022

Pela obra presenciamos uma realidade comum de quem utiliza o sistema de transporte do metrô, mas de certa forma ela conseguiu trazer algo subjetivo no percurso cotidiano, dando uma nova interpretação subjetiva, assim, a subjetividade que pode ser validada dentro da sala de aula, como algo que cada um pode interpretar a sua maneira. Cristiane Herres Terraza (2015) em seu artigo “*Cidade e visualidade: reflexões pedagógicas para o ensino da arte*” define que “a experiência do espaço urbano, visa o reconhecimento da instância estética na formação das subjetividades individuais e coletivas.” (TERRAZA, 2015, p. 1). Nesse sentido, diariamente traçamos caminhos, uma mudança de lugar no ônibus ou um trajeto diferente pode trazer novas perspectivas, dessa forma, a autora enfatiza

Indivíduos e coletividade mantêm com a cidade uma relação em que está se apresentando, como formadora de imagem específica, dotada de sentidos e significados que orientarão as ações dos sujeitos em seu espaço de modo a afetar a formação de suas subjetividades (TERRAZA, 2015, p. 2).

Essas relações são diferentes, pois existem características a serem levadas em conta que irão depender do sujeito, por não ser algo específico é necessária uma autoanálise sobre o seu cotidiano, por isso Adriane Camilo Costa (2015, p. 4) em seu artigo “*As visualidades que fazem parte do cotidiano da escola*” nos trás que

O cotidiano observado é ampliado pelas estéticas visitadas e evidenciadas que “indica o tempo/espaço dilatado no qual se dá toda a vivência de um ser humano e a relação espaço-tempo na qual se dá essa vivência” [...]. Daí a necessidade de considerar mais amplamente o cotidiano.

Como uma nova gama metodológica, em razão da característica polissêmica do cotidiano, podemos estabelecer novas conexões de pensamento, algo significativo dentro do aprendizado, onde há a possibilidade de criar um dialogo de ensino que não parta só do professor trazer conhecimento, mas o conhecimento ser dividido e difundido por ambos, e orientado pelo professor, ficando evidente o porquê do cotidiano precisar ser

trazido aqui para que seja pensado e revisto. [...] o olhar do artista as legitima ao retirá-las de sua condição de reserva, ao trazer esses incômodos pelos quais passamos e dos quais nos queremos ver livres o mais depressa possível. Assim, o dia a dia é manifesto em sua condição mesma de acontecimento (COSTA, 2015, p. 4).

Na jornada criativa pensar e revisitar o cotidiano são maneiras arraigadas no campo das artes, mais uma vez pela sua questão subjetiva, o cotidiano se torna algo legítimo, não como uma forma de encaixá-lo como um padrão de método, mas de criar esse espaço para possibilidades artísticas, possibilidade essa que segundo Costa (2015, p. 4), levam ao “contexto [...] em que as ações visaram o olhar para mais de perto do que nos rodeia”.

Da mesma maneira que ao mudarmos o ângulo da câmera podemos trazer novas perspectivas, ao mudar o olhar para o que nos rodeia podemos estabelecer novas relações, ressignificado o banal pelo olhar, criando uma nova realidade. Sobre isso Costa (2015, p. 8), afirma que a “realidade é uma criação, ao enfatizar que a partir do cotidiano podem ser inventadas distintas formas de realidade”, dentro desse espaço que é a realidade criada temos em simultâneo a criação do cotidiano, contundo de maneira mais restritiva, focando no cotidiano como metodologia de ensino das artes para a criação. Refletir sobre o cotidiano individual dentro desse espaço como ferramenta é algo útil, visto que são realidades diferentes juntas em um mesmo local, vários mundos, se pensarmos nas diferenças de forma mais ampla, assim Ana Beatriz Campos (2015, p. 3), destaca em seu artigo “*O cotidiano como experiência estética – Questões para pensar a arte contemporânea*” que na escola as “nossas experiências são interações com o mundo”, o contato com o mundo cotidiano do outro pode combinar novas experiências estéticas que podem, segundo Campos (2015, p. 3),

ser intensificada pela arte contemporânea no momento em que está é atravessada pelas ações cotidianas. [...] Para que se efetive como experiência completa, que é uma característica da experiência completa, que é característica das experiências estética, essa deve passar pela produção e pelo pensamento”.

O contato com a Arte pode fomentar ferramentas estéticas e metodológicas sobre o cotidiano e a partir disso ser fruto de trabalhos educacionais onde o fazer e o refletir estejam ligados. Ana Mae Barbosa demonstra em seu livro uma relação semelhante abordando sobre a técnica da abordagem triangular, onde o fazer tem que estar ligado com a reflexão assim como o a leitura com o fazer, a relação que ela estabelece tem alguns exemplo como: contexto/fazer/contexto/ver ou ver/contextualizar/fazer/contextualizar ou ainda fazer contextualizar/ver/contextualizar, conforme acentua Barbosa (2019, p. 25), “o fazer artístico exige contextualização, a qual é a conscientização do que foi feito, assim como qualquer leitura como processo de significação exige contextualização para ultrapassar a mera apreensão do objeto”.

Assim, não basta entender a importância do cotidiano, ele precisa ser contextualizado, deste modo, como articula Campos (2015, p. 7), o cotidiano pode ser “ressignificado pela ação/olhar”.

1.2 Um olhar sobre superfícies e objetos

Neste momento do texto, evocarei algumas memórias antigas de infância para refletir sobre os percursos percorridos. Destaco que ao longo dessa pesquisa, apontarei alguns percursos específicos, em particular, aqueles que em algum momento pareceram longos demais, pois, para uma criança ansiosa tudo era uma ânsia, principalmente pra mim que almejava a chegada sem uma forma de distração do tempo, como é comum hoje em dia a partir dos celulares. Inclusive, gostaria também de ressaltar que ao revisitar alguns desses percursos, mesmo que mentalmente, constatei que o costume e a rotina vivenciados durante alguns anos, tornaram os percursos rápidos, sobretudo, quando se passa tanto tempo em transporte público é natural procuramos formas de entretenimento.

Uma das formas criativas e de entretenimento desenvolvidas durante a época de criança, contava com a observação e a percepção de desenhos nas paredes, como por exemplo, os grafites e pichações, ou mesmo, as expressões faciais que imaginava ao olhar os diferentes tipos de veículos. Aprendi que uma mente inquieta e imaginativa é capaz de transpassar os limites do real com a sua criatividade.

Quando somos crianças, não há uma lógica ou racionalidade necessária para compreender o mundo, vivemos a partir de devaneios. Uma relação importante sobre devaneios segundo Vanessa Freitag e Ayrton Dutra Corrêa (2007) a partir do “*Artigo Memórias de infância como possibilidade no processo criativo docente: um estudo com professores de artes visuais da educação básica de Santa Maria/RS*” remete ao fato que,

os devaneios permitem que fantasiemos nossa realidade, onde a imaginação/imaginário e o sonhar constituem-se como categorias fundamentais quando trabalhamos com os processos criativos, seja em arte, na escola e em qualquer outra situação que envolve a criatividade (FREITAG E CORRÊA, 2007, p. 5).

Por isso, a importância de perceber essas categorias fundamentais como bases da criatividade, local onde reside uma forma de enxergar o mundo sem regras, assim, podemos usar o nosso olhar sem barreiras e/ou delimitações. Essa possibilidade criativa associada com o

nosso desenvolvimento atual nos permite aprofundar questões a partir da criação, pois temos a oportunidade, conforme comentado anteriormente, de reelaborar o cotidiano a partir da prática artística contextualizada com a história da arte.

Retomando as minhas memórias pessoais, percebo que o trajeto cotidiano está presente como uma das lembranças mais remotas que tenho sobre estar consciente de mim, como um ser vivo. Inclusive, lembro-me de trajetos cotidianos que repetia diariamente, de casa para a escola, da escola para casa, da minha casa para a casa de algum familiar. Assim, muitos desses trajetos eram a pé, e por viver em um local onde minha mãe viu construir e crescer, no caso o P-sul, local que moramos até hoje, esses trajetos eram envoltos de histórias, sobre casas, pessoas, lendas e imaginação. Penso que foram a partir desses momentos que surgiram em mim uma curiosidade sobre os trajetos, e principalmente o cotidiano particular das pessoas, algo que carrego comigo, e que Michel Certeau (2011), no seu livro *“A invenção do cotidiano”* (esclarece ser algo que cada indivíduo possui dentro de si, esse lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditório) de suas determinações relacionais, local onde cada um pode trabalhar dentro de si a partir dos seus trajetos. Nesse sentido, Campos (2015), também colabora, enfatizando que a partir desses elementos, como o trajeto e/ou o cotidiano podemos buscar “um olhar de estranhamento e de redescoberta” (CAMPOS, 2015,p. 2), para a partir disso trabalhar “ações que podem ser potencializadas pela sala de aula”(idem). Pensando na sala de aula, não basta apenas trazer um relato sobre o trajeto cotidiano, como diz Campos para que as ações cotidianas possam ser evidenciadas, é necessário que sejam destinados olhares mais perscrutadores, em outras palavras um olhar de investigação, para que o estudante consiga fazer essa reelaboração.

Refletindo sobre um olhar de investigação para os trajetos cotidianos, segundo Certeau (2011, p. 38) “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”, local esse com diversas possibilidades, para os quais podemos usar dentro da sala de aula, utilizando o que pode ser trazido pelo estudante, e partir disso ter uma troca, tanto professor e estudante quanto estudante e seus colegas de turma, de acordo com Campos (2015, p. 3-4) nesse momento podemos trabalhar o cotidiano para ir além de sua “condição de coadjuvante, ou de mera etapa da vida e se tornar ele mesmo protagonista, visto que pode sair de seu arrastar rotineiro e se tornar movimento ressignificado. O cotidiano é trazido aqui para que seja pensado e revisto”.

O uso do cotidiano, mais particularmente o escolar, pelo estudante pode ser ampliado e utilizado, como destaca Certeau, conforme um aluguel de um apartamento, onde utilizamos algo que não necessariamente é nosso, e transformamos a nossa forma, assim como ter que frequentar o espaço da escola, e utilizar esse espaço a nosso favor. Certeau trás um exemplo sobre usar o que nos é imposto ao nosso favor, como os indígenas que eram submetidos a uma doutrinação para dominação, “faziam das ações [...] outra coisa que não aquela que o conquistador julgava obter por elas. Os indígenas as subvertiam, não as rejeitando diretamente [...], mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir” (CERTEAU, 2011, p. 39).

Percebo isso na Arte, principalmente na Arte contemporânea, a qual esta a todo o momento subvertendo o cotidiano como exercício de reflexão e consciência. Exercício necessário nas escolas, como pratica de subverter uma demanda de ensino que não cabe no mesmo formato que era, dando possibilidade de mudança na própria visão do que seria a pratica educacional, visão que pode ser trabalhada para entender o cotidiano como parte do aprender, e por isso o cotidiano, o trajeto, a cidade, podem/devem ser usados como objetos criativos, ou seja, a “cidade como artefato” (TERRAZA, 2015 p. 3), existindo equivalentemente a um campo sem limites, ainda mais se usado a partir do cotidiano. Entendo que, mesmo um percurso sendo sempre igual, o que muda é o sujeito, seu olhar, sua perspectiva acerca do caminho, deste modo usar a realidade cotidiana do estudante dentro de sala é algo capaz de chamar atenção do mesmo, uma vez que é algo que ele se identifica, pois somente ele é apto para descrevê-lo, nesse sentido podemos trabalhar o aquecimento do olhar para o reconhecimento do seu cotidiano como algo inovador, segundo Terraza (2015, p. 12-13),

Há muito a educação requisita praticas que apaguem os limites dos muros escolares, apresentando como foco não apenas o aprendizado de um saber sistematizado, mas o uso e a relação deste com as experiências cotidianas dos sujeitos, para o entendimento das macro e micro ocorrências que compõe a complexidade da realidade atual. Não se trata simplesmente de explicar linguagens, fatos e fenômenos, mas de fazer perceber por quais correntes e como os saberes são construídos e em que sentido esta construção envolve.

Pois, a experiência do saber necessita não só da teoria, mas de uma teoria que relacione o que foi abordado com as experiências cotidianas, a forma como é empregado o ensino

baseado em exposição de conteúdo não trabalha a complexidade da realidade. Portanto, o olhar para com a cidade pode ser um campo de iniciação do olhar e dessa relação teoria e cotidiano, pensando nas relações de espaço e tempo da cidade, nesse caso, Beatriz Basile da Silva Rauscher (2008, p. 3), em seu artigo *“Inventários urbanos: a situação do olhar como potência”*, acentua que “intensificar a percepção do contexto urbano como espaço sensível, entendendo que o modo de percebê-lo se refletirá sobre a nossa própria urbanidade”, como sujeito somos segundo Renata Santini (2010, p.1), em *“Corpo em trânsito: sobre o percurso criativo da obra de Carlos Vergara”*, do mesmo modo que “como um viajante durante o processo de produção de sua poética visual, submetendo-se a deslocamentos cujas ressonâncias se encontram latentes”, ressonâncias que nos afligem sem percebermos, e é através da produção artística que podemos fazer com que outras pessoas vivenciem e percebam questões também em seu cotidiano. Em função disso Costa (2017, p. 1) propõe que “as visualidades, através de imagens fixas ou em movimento, cores, símbolos etc., presentes nas ruas, em casa, na escola, nas redes sociais, e em tantos outros lugares físicos ou virtuais nos quais circulamos, nos formam e nos informam”, tudo ao nosso redor esta nos informando e ao mesmo tempo nos formando. Entender isso é importante porque aspectos do nosso ser, da nossa historia, de onde viemos e também para onde vamos, podem sucessivamente ser indagações que conseguimos encontrar nas visualidades cotidianas, no entanto precisamos ir além dessa visualidade para usufruirmos do seu potencial subjetivo. É necessário receber e reconhecer sensações e estímulos advindos dela, como diz Costa (2017, p. 3),

é importante considerar as imagens de forma mais atenta e critica evitando examiná-las na perspectiva utilitarista, mas na construção de sentido(s). As imagens na contemporaneidade, mais que em qualquer outro tempo histórico, informam, formam e ajudam a construir identidades individuais e coletivas.

Seja pela questão de termos mais acesso a produção de imagens, seja por termos mais acesso a imagens advindas das internet, nosso tempo atual é vivenciado através das imagens, principalmente pelas redes sociais, conseqüentemente vamos construindo sentidos a partir dessas imagens, por isso a relevância do olhar sobre a cidade, porque segundo Costa (2017, p. 3) "ajudam a construir identidades individuais e coletivas", devido à conexão e identificação pelo cotidiano que é vivenciado, como algo que existe e faz parte da vida, e não como mero espaço de tempo, quanto a isso Campos (2015, p. 2), também enfatiza que a “vida se dá no trajeto”, em outras palavras, a vida se dá no cotidiano, por essa razão repensar de outros

ângulos é tão necessário, por sua característica de ser rotineiro, algo que estamos acostumados de tal forma que muitas vezes não enxergamos. Desta maneira, “buscar nos elementos mais comuns um olhar de estranhamento e de redescoberta” (CAMPOS, 2015, p. 2), acerca dessas situações, onde o trajeto cotidiano e a mudança de olhar, podem ser ações que conseguimos enquanto docentes potencializar na sala de aula. Assim conforme Ronaldo Alexandre Oliveira e Fernando A. Stratico no artigo “*Histórias do sujeito e formação em arte*” (2012, p. 7):

A cidade e seus lugares, objetos, narrativas e memórias são elementos indicadores de possibilidades de inclusão do sujeito nos processos educativos em arte. O olhar sobre estes elementos faz despertar aquele que ali habita; faz vir à tona aspectos sutis relativos ao sujeito. O espaço onde se mora, o bairro, as ruas, ou a comunidade são construções expressivas de nossa relação com o mundo. É preciso reconhecer o lugar, compreender suas articulações, evidenciar suas qualidades e defeitos, mas é preciso reconhecê-lo como uma extensão de si. O desenho urbano é na verdade uma escrita, nem sempre poética, mas sempre uma escrita, a qual “fala” ou revela o cotidiano que se desenrola em suas vielas [...].

A realidade vivida pelo sujeito que aprende, pode ser usada como gatilho de metodologia, podendo estimular uma nova percepção sobre o seu espaço cotidiano e os objetos ao redor. Assim Oliveira e Stratico (2012, p. 7) destacam que tal prática pode tornar-se uma "extensão de si", da mesma forma que pode impulsionar uma questão de autoconhecimento, revelando como lidamos com o espaço urbano e os seus registros e marcas. Oliveira e Stratico (2012, p. 9), também apontam que,

Assim como os lugares, os objetos também são registros de marcas deixadas pelas pessoas. Uma sola de sapato, encontrada na rua, e também uma velha sombrinha abandonada em um terreno baldio [...] A presença destes objetos no espaço urbano, por si só, desperta reflexões profundas a respeito da nossa relação com o meio. Os dejetos urbanos são marcas de um tempo e de relações sociais específicas. E não somente o lixo apresenta pessoas por trás de sua história; cada objeto industrializado é fruto do trabalho de muita gente.

Portanto, tendo como possibilidade o processo reflexivo a partir de objetos e a própria cidade, podemos estimular questões históricas, pesquisas, criatividade e imaginação. John Dewey (2010) em “*Arte como experiência*”, conduz o pensar artístico como um pensar de investigação, dando lucidez para uma situação diferente, nova, podendo suprir questões de confusão, seja pela cidade ou sobre as próprias experiências do discente, a partir dessa investigação. Deste modo, toda atividade que envolve o processo da reflexão é importante, não importando se de fato chegou aonde gostaria, no sentido de ter um objetivo, mas no lugar

possível de chegar ou até um lugar inesperado. Segundo o Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira (2015), em sua tese de doutorado *MO(VI)MENTOS AUTOBIOGRÁFICOS: histori-ando fragmentos narrativos de experiências de vida docente e discente em Artes Visuais*”: acentua que “da reflexão sobre a vida, nasce à experiência da vida” (FERREIRA, 2015, p. 112), como oportunidade fomentadora de dar ao estudante um local para a reflexão sobre a sua trajetória e seu cotidiano. Ou seja, uma forma de experiência de vida, fazendo com que o mesmo reelabore as suas próprias concepções sobre si enquanto sujeito, da mesma maneira que sobre o lugar em que viveu, seu cotidiano e seus trajetos.

SEGUNDO TRAJETO

2.10 olhar como potência

Antes de começar minha graduação, sentia um incômodo no ensino básico, e na forma como se sucedia, uma abordagem de via de mão única, onde o professor passava o conteúdo para o estudante, e era, como continua sendo uma abordagem de grande parte dos professores do ensino público. Algo que vai contra o que é inerente ao ser humano e sua individualidade. É muito comum ouvirmos a expressão “Por que eu estudo isso? Se eu não vou usar na minha vida”, a partir desse momento tentei entender a importância de uma aprendizagem mais dialógica, voltada para o cotidiano dos sujeitos. E, consegui, mas percebi que essa abordagem estava errada, era/é necessário olhar o cotidiano para que possamos responder essa pergunta. Segundo Oliveira e Stratico (2012, p. 2), em seu artigo dizem que existe uma ausência da bagagem pessoal do estudante, que, ao invés de estabelecer um diálogo e relação entre o pessoal e o histórico, passou a anular a sua própria vivência.

Quando você trás a vida do estudante para aula causa uma reação de interesse, onde ele pode trazer suas experiências e trabalhar reflexivamente a partir do ensino das artes, estimulado a própria “bagagem pessoal do estudante” possibilitando que ele próprio estabeleça suas conexões e encontre seus significados, podendo por si mesmo ou tendo o olhar do outro como referência. Deste modo, há uma descentralização do que seria o foco, no lugar de o conteúdo ser o foco, o sujeito e sua história viram o centro da abordagem. Descentralização é uma palavra chave nesse momento, para entendermos porque tantos estudantes continuam se perguntando o porquê de estudar tal coisa, o significado de descentralização pode ser entendido como transferência de algo/lugar /alguém para outro, Oliveira e Stratico (2012, p. 2) exprimem que a descentralização é uma proposta “de ensino de arte cujo centro seja não a história da arte, mas sim o sujeito e sua história, e principalmente o encontro deste sujeito com o outro”.

A descentralização é segundo Oliveira e Stratico (2012, p. 2), uma “metodologia da presença”, em outras palavras a presença do estudante; seu cotidiano; seu olhar; presentes no ensino. Um dos defensores dessa metodologia foi Paulo Freire (2016) em “*Pedagogia do Oprimido*”, segundo o qual a maneira de educar deve estar conectada ao cotidiano do estu-

dante e as experiências que ele tem na sua vida, para Freire o estudante não está na sala como alguém que apenas recebe determinada informação, aprender para ele vai além, como parte do reconhecimento de si e do mundo e de si com o mundo.

Durante certo período da minha vida trabalhei no Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília, espaço onde tive contato com a mediação nas exposições. Mediar é uma ação de criar pontes/conexões entre a obra de arte e o outro, então é necessário criar um diálogo para que o outro traga suas experiências. No entanto, percebi que algumas pessoas não participavam porque tinham uma ideia de que não sabiam de arte, ou que não sabiam falar sobre arte, e aos poucos conforme conduzia a mediação fui tornando claro que o olhar que eles tinham sobre a obra diz muito sobre si e sobre a obra, e que essa experiência no final é o que concerne à metodologia da presença, ou seja, ligar o olhar do sujeito com a obra/história da arte, pois o que “importa é a maneira como cada indivíduo estabelece a relação entre a obra que está estudando ou lendo e a sua biografia” (OLIVEIRA e STRATICO, 2012, p. 4). Porém, segundo os mesmos

Não basta apropriar-se de códigos expressivos como o desenho ou a gravura e conquistar recursos de acesso e expressão e possivelmente de construção poética individual. É preciso localizar estes processos pessoais em relação ao contexto, e é preciso, sobretudo, ir de encontro ao outro, de modo a tornar a vivência pessoal, uma experiência compartilhada. Os objetos, cidades, lugares, memórias e narrativas passam a ser elementos desencadeadores deste encontro e localização de personalidades (OLIVEIRA e STRATICO, 2012, p. 5).

Mais uma vez fazendo clara ligação ao que tratei nos capítulos anteriores quanto à abordagem da Ana Mae Barbosa, não basta apenas ver ou fazer, é necessário contextualização, para que a partir disso o estudante entenda a importância do “porque esta estudando isso”. Vários são os olhares que podemos ter /dar a partir de uma obra utilizando nossos cotidianos, assim como a contextualização, a resolução principalmente aqui é a presença do estudante, sobre isso entendo que,

O grande desafio que se descortina é configurar procedimentos no ensino de arte que não excluam o sujeito dos processos de construção do conhecimento. É preciso, assim, incluir vivências, memórias, personalidades. Sobretudo, é necessário definir o lugar que ocupa o sujeito da aprendizagem nas atuais metodologias do ensino de arte. Dependendo do lugar a ser ocupado, este será um sujeito que se inclui e que constrói o conhecimento, ou um sujeito passivo que somente recebe conteúdos técnicos e históricos. Nesta perspectiva, poderemos vislumbrar uma metodologia da

presença a ocupar o lugar da metodologia da ausência do sujeito (OLIVEIRA e STRATICO 2012, p. 6).

Dessa forma, situa-se, portanto uma potência no olhar do outro, de entender seus processos e vivências, dando um novo lugar para o discente no processo de educar, isto posto, podemos a partir do diálogo criar uma nova forma de aprender e ensinar, onde “a conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular lugares comuns e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torna-los habitáveis” (CERTEAU, 2011, p. 50). Assim, penso que seja exatamente esse o foco principal desse trabalho, tornar habitável o cotidiano a partir das manipulações artísticas possíveis.

2.2 O olhar e o pensamento: formas de aquecer o corpo

Pense no fato de que uma pessoa surda não pode ouvir. Então que outros sentidos de surdez não podemos possuir? Que sentidos não faltaram que não possamos ver e ouvir Outros Mundos a nossa volta? (HERBET, Frank, Duna, 2017, p. 59).

O olhar carrega consigo diversos significados, pensando como verbo, o olhar pode ser definido como uma ação de dirigir/mirar os olhos para algo/alguém, o olhar como forma de ver/visão pode nos informar muito sobre o outro, em linhas gerais, pode nos elucidar sobre os seus valores culturais, morais e religiosos. Assim podemos perceber que o olhar é carregado pelas marcas do seu tempo, Rafael Matheus Moreira (2018, p. 4) em seu artigo “*Processo criativo – corporalidade e corporificação – em poéticas: resistência e confrontação*”, acentua que, “toda imagem vista por um espectador é uma visão com o olhar daquele tempo/espço”, isso nos ajuda a entender como as pessoas interpretam algo/alguém. Assim como, a forma que o outro vê o mundo, o olhar do outro nos ajuda a compreender outras formas de ver o mundo que não percebíamos, por isso nem tudo que vemos estamos realmente vendo, daí surge o ditado “Se fosse uma cobra tinha me picado” de quando procuramos alguma coisa e não encontramos, mas esta literalmente na nossa frente. O olhar esta também nas atitudes, muitos vezes ficamos cegos de amor por alguém e nem percebemos certas ações do outro, que contradizem o ideal do que seria o amor, e depois da decepção percebemos certas coisas que sempre estiveram ali só não “enxergávamos”, algo mudou para pudéssemos enxergar.

Como qualquer parte do corpo, que precisa de exercícios para a evolução muscular, antes de tudo é necessário aquecer esse corpo, prepará-lo para o uso, como todo o corpo o olhar também precisa estar ativo. Como base histórica sobre a concepção do olhar como ferramenta, irei usar o artigo “*Cézanne e a Gênese do olhar*” de Élisson de Souza e Silva (2010), em que percebemos Cézanne como um dos primeiros a perceber que a forma como enxergamos é uma construção, pois

Quando Cézanne se questiona quanto à incerteza de seu olhar em relação à natureza, então transporta às suas telas, um non sense no cânone artístico é posto à prova desarticulando que até então se entendia por percepção na arte e decompondo o campo visual para nele observar a matéria fenomênica em sua mais imanente condi-

ção de objeto. [...] enquanto formação de um novo paradigma na pintura e seu caráter enigmático e provocante do olhar ao olhar (SILVA, 2010, p.1).

A condição do olhar para um olhar mais atento, influenciou em muito o trabalho de Cézanne, o acordou para uma nova percepção que poderia ter, assim “o que é fato é a sua livre independência enquanto criador em vida de despertar um novo olhar, um novo real por-se-fazer através da dissolução das velhas técnicas e concepções empíricas” (SILVA, 2010, p.2).

Para Silva (2010, p. 2), “Cézanne eleva a sensação visual ao nível da consciência”, isto é, sentimento ou conhecimento que permite vivenciar, experimentar ou compreender aspectos e totalidades de si e da sua forma de ver o mundo, como forma de evoluir essa consciência visual, Cézanne tinha

A preocupação [...] em estudar aquilo que via e aquilo que criara, moveu o artista por toda sua vida, procurando sempre esmiuçar seu olhar, mas sem querer transpor a realidade nua e crua. [...] Ademais um olhar quando permanentemente situado não é um olhar absoluto. Ora, ao movimento do olhar, se alternam” (SILVA, 2010, p.4).

Dessa forma, Silva descreve que Cézanne gosta de “provoca o olhar” (SILVA, 2010, p. 1), e essa é uma questão importante a meu ver, pois o que provoca cada um diz muito mais sobre a pessoa, do que a pessoa gosta, tem uma questão de nos sentimos provocados por certas imagens e não entendemos o porquê disso, assim,

O olhar humano está impregnado pelo próprio sentido de humanizar as coisas. O homem é ser que cria, por isso enxerga a natureza como parte dessa produção ou como parte de um processo. Toda a sua visão é infectada por sua cultura mundana, [...], pois a visão do homem está carregada de utensílios e matérias construídos por ele, ou seja, a cultura imbuída em cada ser contagia o olhar. Sob esta condição, o olhar do homem enxerga a obra como necessária ao seu mundo (SILVA, 2010, p. 8-9).

O olhar humano enxerga em 3D, ou seja, em três dimensões largura, altura e profundidade, isso não quer dizer que enxergamos algo em sua totalidade, o que exige que locomovêssemos o objeto ou nós mesmos, isso era algo que Cézanne levou a praticar, a mudança de ângulos é algo extremo uma vez descoberto você estará sempre ativo, independente de onde estiver, e isso se eleva a outros campos também fora da pintura, como conversas; fotografias;

arquitetura; podemos perceber inclusive que grande parte das descobertas científicas aconteceram pelas mudanças de ângulo. Segundo Silva (2010, p. 11), acerca do trabalho de Cézanne “o que se sobressai é que a partir de diferentes ângulos, o artista executa livremente um novo olhar, e isso irá ocorrer também em outros planos”.

A partir da construção do olhar para o olhar de Cézanne nos deparamos com uma realidade, onde percebemos a construção do olhar como um processo individual e único, portanto, reutilizo o artigo “*Inventários urbanos*” Beatriz Basile da Silva Rauscher (2008). Nessa questão, Rauscher propõe que a situação do olhar, é um conceito gerador da poética de cada artista, com suas singularidades próprias. Todo trabalho criativo do artista vem a partir de como ele enxerga o mundo, no entanto para a evolução do olhar é necessário “não somente do deslocamento do ponto de vista, mas da negação de um olhar regulado pelo horizonte (DIDI-HUBERMAN, 2002, p. 75, apud RAUSCHER, 2008, p. 14)”, sobretudo, ao tomar novas perspectivas do olhar, em todas as vertentes possíveis, isso nos transporta para “a apreciação da conformação da cidade, [...] o modo como se organiza o lugar e como sua aparência é construída transborda em sentido: de apropriação, ação e pertencimento social” (TERRAZA, 2015, p. 2).

Perceber as construções, como elas se deram e pesquisar sobre, tentar perceber se algo novo começou a habitar na cidade, existe um despertar nisso, que esta diretamente ligado à questão que Terraza trouxe no sentido de apropriação, ação e pertencimento, fundamental para um novo olhar sobre o cotidiano. Essas são características que dão base para a evolução de um olhar mais subjetivo e sensível, pois são o cerne da construção de uma cidade, a partir de como habitamos e usamos os espaços da cidade, pois “não importa o que aconteça no mundo dos seres humanos, acontecerá num cenário espacial; e o projeto deste cenário exerce uma influencia profunda e persistente sobre as pessoas que nele se encontram” (HALL, 2005, p.11).

O que acontece no espaço físico reverbera em nós, assim como a arquitetura, o design, a arte, uma obra que penso ser muito significativa sobre isso é a Tilted Arc (1981), do Richard Serra, pela sua capacidade de interferir no plano físico, exercendo uma influencia na mudança do cotidiano daqueles que ali passavam, como um corte no meio do caminho.



Figura 3– Tilted Arc.

Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artists/richard-serra-1923/lost-art-richard-serra>. Acesso em: 01/02/2022.

Esse corte no meio do caminho, ou de uma mudança no padrão foi e é o que tem mudado meu olhar. Existe uma casa onde eu moro diferente de todas as outras, e que está lá desde o início da construção da região, sua construção consiste em uma casa de três andares, com diversas janelas diferentes umas das outras, e com cômodos que foram sendo construídos como remendos em um corpo. Desde a época da infância da minha mãe até hoje a casa mudou pouco, e por suas características ganhou o apelido de casa da bruxa, assim, essa casa me instigou a perceber construções diferentes na minha região, e criou em mim uma curiosidade para conhecê-las por dentro.

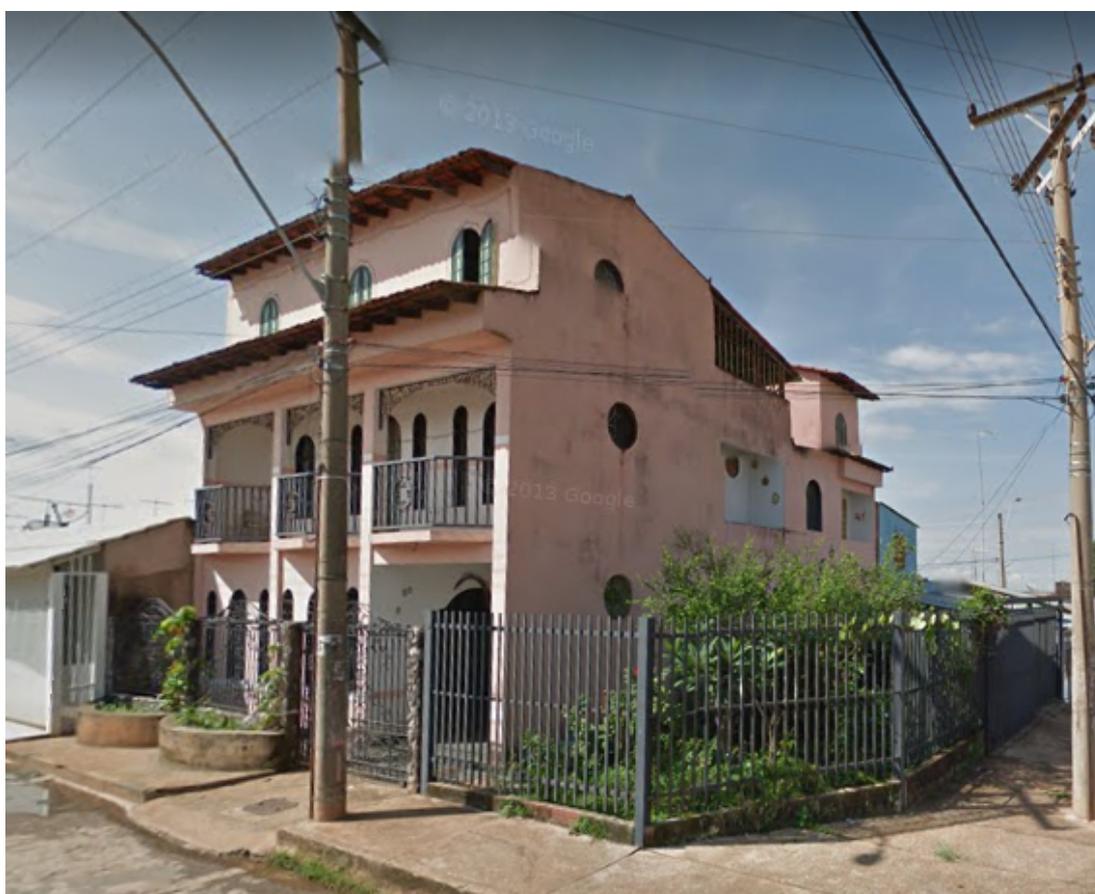


Figura 4– Casa da Bruxa

Disponível em: <https://goo.gl/maps/FACArLKF5B6zzUYp7>. Acesso em: 24/02/2022.

Por viver em Brasília sempre tive curiosidade por tudo que fugia do modernismo, sejam casas, carros, objetos, coisas que representam sua época, algo que poderia ser usado como proposição de ensino, pensando não só na minha necessidade individual como também um compartilhamento do olhar para com os outros. E isso não fica restrito as aulas de Artes, mas

como possibilidade nas aulas de historia, geografia e até português. Neste quesito Campos (2015, p. 3) considera que “o material da arte pode ser retirado de qualquer fonte. Não há assunto que não possa ser motivo para a arte. A arte contemporânea tem esse caráter polissêmico”.



Figura 5 - Casa da Bruxa.

Disponível em: <https://goo.gl/maps/FACArLKF5B6zzUYp7>. Acesso em: 24/04/2022.

Essa característica é uma carta na manga, por existir diversas possibilidades de uso e aplicação, ainda mais se considerarmos o olhar do educando sobre o trajeto cotidiano, justamente em virtude de ser algo que nos rodeia, sendo uma possibilidade de conexão com a nossa historia e a Arte, pois “a arte contemporânea possibilita-nos, assim, o encontro com momentos que podem ser reflexo de nossas ações no mundo e com o mundo, porque este não está nós afastado. Nós fazemos o mundo enquanto este nos faz” (CAMPOS, 2015, p. 3). Nes-

se sentido, encontrei outro subsidio na obra: “*O livro do desassossego*”, de Fernando Pessoa (2006), um capítulo que trata do diário de Bernardo Soares, onde aparece uma frase que trás uma reflexão capaz de dar uma noção poética a essa questão na nossa relação com o mundo, a cidade, e o trajeto cotidiano, “a minha consciência da cidade é, por dentro, a minha consciência de mim” (PESSOA, 2006, p. 303). Essa conexão com a cidade da mesma forma com o cotidiano é como uma extensão de mim, faz parte das minhas construções referenciais de vida e de mundo, de tudo que há ao meu redor, de tudo que vi, vivi, e me conectei por algum motivo.

Uma conexão que, como dito anteriormente pode nos conectar com a nossa historia, com o nosso meio cotidiano, e vivenciar o mundo através dele, como parte dele, nos trazendo uma noção de autoconhecimento, que é necessário para refletir de forma mais criativa. Assim, conhecendo você mesmo, sua história, a história da sua família e da sua cidade, isso permitira construir o olhar de uma perspectiva diferente, permitindo perceber a situação atual da nossa vida, assim como o contexto histórico que perpassa o tempo, algo que a prática e as reflexões artísticas podem trabalhar no sentido de dar reconhecimento sobre essas situações de perceber o mundo cotidiano e traspassá-los artisticamente como forma de legitimar. Campos apresenta um pensamento sobre isso, ao apontar que, “o olhar do artista as legitima ao retirá-las de sua condição de reserva, ao trazer esses incômodos pelos quais passamos e dos quais nos queremos ver livres o mais depressa possível. Assim, o dia a dia é manifesto em sua condição mesma de acontecimento”(CAMPOS, 2015, p. 4).

TERCEIRO TRAJETO

3.1 O olhar como método reflexivo

O olhar como parte de uma das infinitudes do que nós constituem como indivíduos, tem em si seu caráter subjetivo, e trabalhá-lo segundo Oliveira e Stratico (2012, p. 8), pode

desencadear a consciência sobre o entorno, e provocar relações extensivas com a história da habitação e das cidades, e também com a história da arte. É quando os lugares passam a ser reconhecidos como plenos de significados para o ser humano. Tal olhar, do mesmo modo pode nos remeter ao trabalho de outros artistas que se debruçaram sobre o tema, de modo a construir lugares imagéticos ou pictóricos, cuja marca é a afetividade presente. O trajeto de casa para a escola, por outro lado, propicia um rico exercício de apreensão, que embora acostuada e automatizada com a rotina, pode ser surpreendida com detalhes nunca vistos, qualidades até então desconhecidas. Ali também há história e há pessoas, outros habitantes, autores de sua escrita urbana, grafada na casa velha de madeira, nas persianas gastas pelo tempo, no muro baixo, na pequena varanda com vaso de antúrio. Que seria se um dia parássemos para visitar esta mesma casa antiga, e conversássemos com os que ali moram? Que histórias teriam para contar?”.

Nesse contexto surgindo como uma potencialidade capaz de dar consciência através da arte, algo que talvez uma mera exposição de conteúdo no quadro sobre algum movimento artístico não abarcaria, pois estaria sendo exposto de maneira isolado ao desconsiderar o cotidiano do estudante e seu interesse. Baseando na ideia da autonomia, segundo Paulo Freire (2016), podemos dar liberdade para que o próprio estudante traga e pesquise a partir de suas referências, e o docente a partir disso poderia mediar, criando “pontes” sobre o conteúdo da aula e o que o estudante é capaz de trazer, por meio da sua bagagem cultural, assim, o “professor pode mediar o olhar do estudante para outros exemplos significativos da história da arte” (OLIVEIRA e STRATICO, 2012, p. 9), não negligenciando a oportunidade e a diversidade que é trabalhar o trajeto cotidiano através do olhar do estudante. Desse modo, entendo que somos extensões do que nos rodeia, assim como a vida, em que vivemos, precisamos entender que “estas são cidades vividas, construídas culturalmente em outros tempos, lugares, contextos” (OLIVEIRA e STRATICO 2012, p. 9), Diante disso, podem se tornar fontes de investigação criativa, trazendo inquietações como, por exemplo, aos que Oliveira e Stratico trazem em seu artigo: “Por onde anda a cidade que mora em mim? A cidade que vive, habita cada aluno que compõe as nossas salas de aulas?” (OLIVEIRA e STRATICO, 2012, p. 9).

Inquietações que podem ser trabalhadas a partir do olhar através do trajeto cotidiano, um sentido que é introduzido a partir da vivência e contato com os outros olhares, por isso a metodologia do olhar sobre o cotidiano pode expandir o que se espera de uma prática docente. Dessa forma, permitindo “um olhar ampliado acerca do universo escolar, da nossa prática pedagógica” (OLIVEIRA e STRATICO, 2012, p. 12). Tal experiência reflexiva em relação às metodologias de ensino pode ser capaz de aproximar o estudante do conteúdo, dando sentido ao que é aprendido, assim como, Oliveira e Stratico apresentam como uma porta de encontro entre sujeitos, que aproxima e faz compartilhar histórias e experiências, em um processo de reconhecimento de identidades, essa conexão do reconhecimento de olhares cotidianos é capaz de entrelaçar

histórias pessoais, narrativas familiares, faz instalar um compartilhamento de experiências humanas, que de outro modo, poderiam deixar de habitar o espaço escolar. As narrativas pessoais aproximam as pessoas e fazem-nas comungar das mesmas trajetórias humanas (OLIVEIRA e STRATICO, 2012, p. 13).

Assim, lembranças, memórias, histórias familiares, histórias de vida podem se conectar com a história da arte e a prática artística, trazendo um sentido de conexão e irmandade sobre aqueles os quais compartilhamos. A conexão entre a história da arte e a prática artística pode ser uma das formas de passar pelo processo da contextualização estética, citando novamente Ana Mae Barbosa, um fazer ligado a uma contextualização, a contextualização é importante por ser um meio condutor entre a experiência e a teoria, dando oportunidade para repensar sobre a lembrança, memória e cotidiano a partir da Arte. Em função disso,

o processo de elaboração de experiências vivenciais é significativo, dando importância a posterior reflexão sobre a experiência ocorrida. A experiência então se configura como um meio propositivo de abertura para o conhecimento, pois tem a capacidade de ser um agente auto formativo (ZAMPERETTI E SOUSA, 2017, apud JOSSO, 2004, p. 100)

Assim a experiência do estudante é uma forma de abordagem ou abertura para proposição de conteúdo, tornando essa experiência a base para iniciar o conteúdo, seja qual for. Desta forma o olhar do estudante sobre determinado conteúdo pode estimular a interação con-

teúdo x aprendizado, estabelecendo um patamar de conhecido que precisa ser levado em conta, pois não conseguimos entender algo que não compreendemos, ou achamos que não compreendemos, como é comum quando se fala ou trabalha a Arte. Por isso é primordial gerar tanto aprendizado quanto sentido, para fomentar um olhar ou até criá-lo, estimulando uma abordagem de conteúdo específico, por exemplo, posto isso, a experiência cotidiana como uma brecha para olhar/repensar tanto sobre sua história e trajeto, enquanto aprende novos conteúdos a partir deles, e assim dar outros olhares para o cotidiano dentro do espaço educacional.

3.2 Proposição cartográfica para o ensino de artes visuais

Não era um mundo estranho, era um mundo novo (COELHO, Paulo, *O Alquimista*, 2017, p. 33).

Participar das aulas da Disciplina de Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte 9 – STCHA9, no primeiro semestre de 2019, cuja temática abordou o tema “*Ateliê Autobiográfico: histórias, aprendizagens e narrativas de formação em artes visuais*”, ministrada pelo Professor Doutor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira, me estimulou para que tivesse um novo olhar para a minha história, por meio da prática de história da vida. Um processo capaz de esmiuçar as memórias cotidianas a partir da prática autor reflexiva de repensar experiências vividas, onde refletimos sobre novos significados a partir da reelaboração dessas experiências. Foi uma oportunidade não apenas de prática artística, mas de conexão com nossa história, ocasião capaz de transformar nosso olhar. Por isso, trago a citação do Paulo Coelho em “*O Alquimista*” no início desse capítulo final, por ser para mim capaz de traduzir a sensação de mudar o olhar para o meu cotidiano, pois de fato não era um mundo estranho. Eu conheço esse mundo que no caso é o meu cotidiano, minha vida, o meu trajeto, mas de alguma forma era um mundo novo por mudar a minha perspectiva de olhar, por conseguir enxergar de outros ângulos, que apenas a prática artística isolada de uma contextualização não seria capaz. Desta maneira acredito que a aplicação de história da vida repensada para o trajeto cotidiano pode servir como proposta metodológica cartográfica. Nesse sentido, utilizo-me do artigo “*Aprender História do Ensino de Arte através da realização de histórias de vida*” de Fernando Hernández, Irene Tourinho e Raimundo Martins (2012), que foi utilizado como referência para as aulas ministradas pelo Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira. Uma consideração importante desse artigo que penso ser necessária para iniciar essa proposta é uma reflexão dos autores para com os estudantes que participavam das aulas de História da vida por eles aplicados na Universidade de Barcelona, na Espanha, onde passaram

a considerar que os alunos da disciplina não apenas formavam ‘parte da história’, mas eram sujeitos ‘com história’. Isto nos permitia desenvolver uma história encarnada nas relações, experiências e trânsitos dos alunos, ao mesmo tempo em que nos abria para a necessidade de outras maneiras de fazer história (HERNÁNDEZ; TOURINHO; MARTINS, 2012, p. 1 e 2).

Os alunos não eram dissociados do contexto das aulas, isto é, participavam a partir das suas próprias histórias, possibilidade que pode ser capaz de transformar a experiência não só dos discentes como também dos docentes, tornando-se uma proposição que tem capacidade de repensar a prática de educador como uma ação coletiva, partindo tanto do discente quanto do docente. Sobre essa questão de educar ser uma ação coletiva, os autores trazem um pouco do dia a dia das aulas:

Cada escolha, cada história trazia desafios, criava inquietações. Pensar em quem escolher como foco de estudo, justificar as razões da escolha e encontrar um fio para ligar as experiências vividas com o contexto histórico inundava de questões os encontros em sala de aula, momentos intensos de autorreflexão. (HERNÁNDEZ; TOURINHO; MARTINS, 2012, p. 2).

Proposições estas capazes de abarcar como uma forma de ensino geradora não só como resposta para a pergunta "Por que estudamos isso?", mas como também para novas inquietações vividas e sentidas pelos discentes, como processo fornecedor de autonomia. Autonomia necessária para que sejam capazes de lidar com suas próprias histórias, lembranças e memórias, porque existe uma questão de lembrarmos um momento vivido com os olhos que tínhamos na época. Dessa forma como um episódio de um momento, e a prática da história da vida trás esse momento para que sejam repensadas com os olhos de hoje, a partir de alguém que teve novas experiências e que pode repensar sobre esse relato, de todo modo, uma importante questão que os autores trazem é sobre a natureza geral sobre trabalhar a história da vida e sua questão "episódica", pois,

Uma primeira questão epistemológica que se propõe nas histórias de vida se vincula à natureza do conhecimento sobre o qual se opera, o que constitui a matéria do processo de pesquisa – a memória da experiência vivida – e que projeta sérios desafios. Nos referimos, sobretudo, a este caráter reconstrutivo do vivido. Se aceitamos como ponto de partida que a memória é sempre episódica, seletiva e reconstrutiva, e que não operamos sobre a verdade do vivido, podemos iniciar sem demasiadas tensões a investigação, porém sem esquecer que a natureza do relato que se deriva da história é, sobretudo, um relato de experiência (HERNÁNDEZ; TOURINHO; MARTINS, 2012, p. 4).

Segundo o dicionário Oxford languages, um relato é uma exposição escrita ou oral sobre um acontecimento; narração, descrição ou informação, por se tratar de um relato de uma experiência ela é capaz de ser traduzida por meio dos nossos sentidos, como percepções sobre um estado de consciência vivido naquele momento, que ao serem recontados podem de acordo com os autores ser um fazer criativo, pois

Ao mesmo tempo em que a memória é episódica, seletiva e reconstrutiva, também compreendemos que puxar pela memória e narrar acontecimentos a partir de lembranças abrigam um fazer criativo. Isso significa que, ao recontar nossas histórias, não apenas escolhemos episódios e os abordamos de maneira seletiva e reconstrutiva. A força produtiva da memória se manifesta também de forma inventiva, criando narrativas com detalhes que não podem ser necessariamente evidenciados, mas são testemunhos da nossa própria subjetividade. (HERNÁNDEZ, TOURINHO E MARTINS, 2012P. 3).

O fazer criativo como um processo de imaginação pessoal sobre o relato pode ser trabalhando como demanda para uma prática artística, onde podemos soltar a imaginação para uma determinada situação, como a minha experiência sobre a casa da bruxa, onde a partir do relato pude criar desenhos e a partir desses desenhos criar construções onde costurei partes de casas, criando a minha própria casa da bruxa. Algo que surgiu do relato de outra pessoa, no caso a minha mãe, mas que a partir das minhas questões e curiosidades contribuiu pra um fazer artístico a partir do meu olhar. Uma questão também poética e pertinente no artigo é sobre quanto à questão de entender arte sobre fazendo arte a partir dos relatos, como participantes de um fazer,

Compreender a história do ensino de arte fazendo histórias de vida é tornar-se cúmplice de si mesmo e cúmplice daqueles que constroem narrativas, fazeres e saberes. As vozes se misturam e se coletivizam. Tornam-se autoras, testemunhas e audiência de cenas e atos que descrevem, particularizam, relacionam e expressam subjetividades, sensibilidades e racionalidades. [...] é colocar em contexto o que é significativo para cada um, entrelaçando a experiência com o desejo de aprender. (HERNÁNDEZ, TOURINHO E MARTINS, 2012, p. 4 e 5)

Características mais que suficientes para levarmos em consideração a prática da história da vida, e repensa-la como metodologia em diversos âmbitos, como o cotidiano, tema central desse Trabalho de Conclusão de Curso. Assim, fazendo jus tanto a Paulo Freire quanto Ana Mae Barbosa, autonomia com o fazer contextualizado, apontando a importância

desse tipo de pesquisa, sobre a história da vida e do cotidiano. Podendo tornar-se “um processo de interação e comunhão com a vida, com a realidade cotidiana em busca de conhecimento” (FERREIRA, 2016, p. 104).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O aprofundamento no olhar sobre o cotidiano: o trajeto como jornada criativa, me possibilitou um novo pensar sobre a prática docente, trazendo os desejos de um estudante, que de certa forma se realizou, sobretudo, a partir de seu olhar como propositor de uma metodologia, que pudesse se identificar o suficiente para sentir interesse pelo que era ofertado enquanto matéria.

Durante a minha jornada de estudante, sempre tive dificuldade para querer aprender, e com o desenvolvimento dessa pesquisa consegui entender o porquê, pois não era a falta de vontade, mas sim o método didático engessado, algo que impactou meu ensino básico, e que transcende para o ensino superior. Observo que, apesar do acesso a pesquisa, ainda encontra-se metodologias vinculada com aulas de "exposição de conteúdo", isto é, apresentar a matéria apenas pelo assunto, de maneira isolada, muitas vezes desconectada com a prática e a realidade do discente

Talvez um dos maiores impactos que esse trabalho possa ter, seja sobre a empatia para com a história e jornada cotidiana do outro, onde através da exposição do olhar cotidiano, possamos entender mais da realidade do outro, e que assim, entendamos suas limitações e capacidades. Por isso os diversos textos comentados evidenciaram que o olhar, o cotidiano e o trajeto podem/devem ser utilizados, tanto como prática artística quanto metodologia didática.

De certa forma, o tema desse Trabalho de Conclusão de Curso não se limite apenas ao que foi abordando, tendo a possibilidade de serem aprofundados com pesquisas de campo, entrevistas e até novas revisões de literatura, podendo emergir como futuras pesquisas aplicadas ao olhar sobre o trajeto cotidiano, sobretudo para o campo das Artes.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem**. São Paulo, editora Perspectiva LTDA, 2019.

BASILE DA SILVA RAUSCHER, Beatriz. **“Inventários urbanos: a situação do olhar como potência”**. Uberlândia: Anpap, 2008. Disponível em:
< <http://anpap.org.br/anais/2008/artigos/146.pdf> > Acesso em: 24/04/2022

BEATRIZ CAMPOS, Ana. **“O cotidiano como experiência estética- questões para pensar a arte contemporânea na escola”**. Pelotas: Anpap, 2015. Disponível em:
<http://anpap.org.br/anais/2015/comites/ceav/ana_beatriz_campos_vaz.pdf > Acesso em: 10/04/2022

CAMILO COSTA, Adriane. **“as visualidades que fazem parte do cotidiano da escola”**. Goiânia: Anpap, 2017. Disponível em:
<http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/S10/26encontro_COSTA_Adriane_Camilo.pdf > Acesso em: 24/04/2022

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. Editora Vozes LTDA, 1998.

DE SOUZA E SILVA, Élison. **“Cézanne e a gênese do olhar, num diálogo entre Merleau-Ponty e Argan”**. Paraná: Anpap, 2010. Disponível em:<http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/chtca/elisson_de_souza_e_silva.pdf > Acesso em: 24/04/2022

DEWEY, John. **“Arte como experiência”**. (2010). Disponível em:
<<https://www.passeidireto.com/arquivo/58757701/john-dewey-arte-como-experiencia-pdf> > Acesso em: 24/04/2022

HERNÁNDEZ, Fernando, TOURINHO, Irene, MARTINS, Raimundo. **Aprender História do Ensino de Arte através da realização de histórias de vida**. Revista UFG, Goiânia, v. 8, n. 2, 2017. Disponível em:
<<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48113>> Acesso em: 23/04/2022.

HERRES TERRAZA, Cristiane. **“Cidade e visualidade: reflexões pedagógicas para o ensino da arte”**. IFB, Brasília, 2015. Disponível em:
<http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s12/cristiane_herres_terraza.pdf > Acesso em: 24/04/2022

FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. **MO(VI)MENTOS AUTOBIOGRÁFICOS: historiando fragmentos narrativos de experiências de vida docente e discente em artes Visuais**. Goiânia, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, editora Paz&Terra, 2016.

FREITAG, Vanessa e CORRÊA, Ayrton Dutra. **MEMÓRIAS DE INFÂNCIA COMO POSSIBILIDADE NO PROCESSO CRIATIVO DOCENTE: UM ESTUDO COM PROFESSORES DE ARTES VISUAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE SANTA MARIA/RS.UFSM**, RS, 2007. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/120.pdf> Acesso em: 23/04/2022

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e Formação**. Editora Educa, 1945. Disponível em : file:///C:/Users/Multipel/Downloads/idoc.pub_livro-experiencias-de-vida-e-formaaomarie-christine-josso.pdf. Acesso em: 24/04/2020.

LEENHARDT, Jacques. **Duchamp crítica da razão visual**. São Paulo, editora Cia. das Letras, 1994.

MONTEIRO, Rafael Matheus Moreira, “**PROCESSO CRIATIVO – CORPORALIDADE E CORPORIFICAÇÃO – EM POÉTICAS: RESISTÊNCIA E CONFRONT(AÇÃO)**”, UFPA, Pará, 2018. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2018/content/PDF/27encontro_MARTINS_Maria_Virginia_Gordilho_OLIVEIRA_Andreza_Aparecida_Pires_de_Souza.pdf Acesso em: 23/04/2022

OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre e STRATICO, Fernando A, “**HISTÓRIAS DO SUJEITO E FORMAÇÃO EM ARTE**”. São Paulo, 2012. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio6/ronaldo_alexandre_e_fernando_stratico.pdf Acesso em: 24/04/2022

SANTINI, Renata. “**Corpo em trânsito: sobre o percurso criativo da obra de Carlos vergara**”. Santa Maria: Anpap, 2010. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/chtca/renata_favarin_santini.pdf > Acesso em: 24/04/2022

ZAMPERETTI, Maristani Polidori e SOUZA, Fabiana Lopes. **Autorreflexão e experiência na formação docente – Um estudo com professores de Artes Visuais**. Pelotas, RS, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/715/71553908013/html/> Acesso em: 24/04/2022

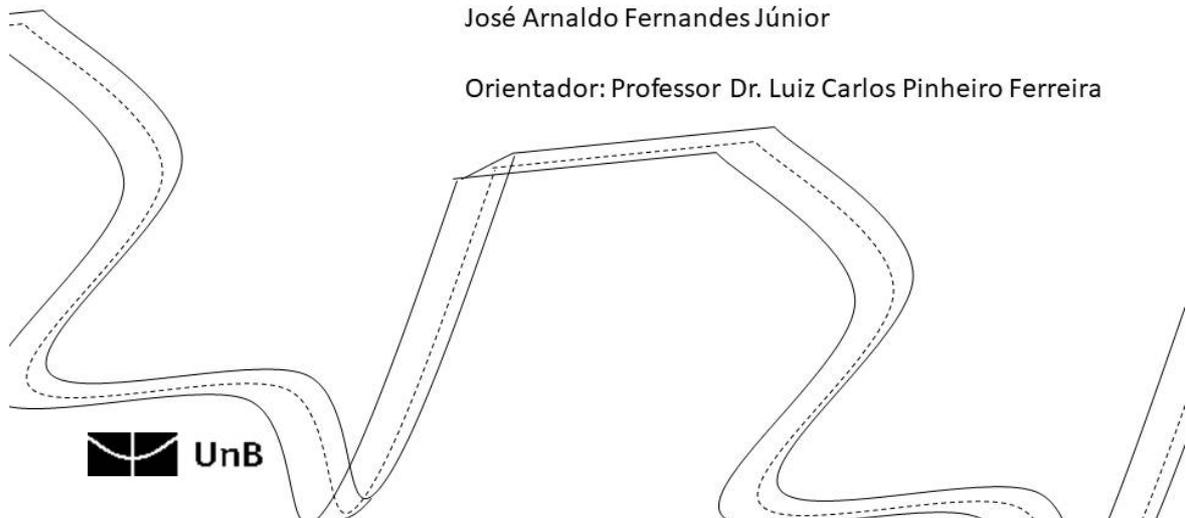
ANEXOS:

1

UM OLHAR SOBRE O COTIDIANO: O TRAJETO COMO JORNADA CRIATIVA

José Arnaldo Fernandes Júnior

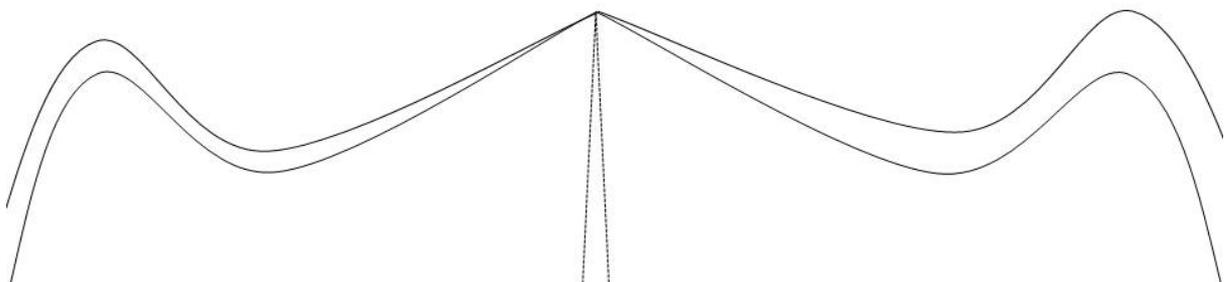
Orientador: Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira



2

TRAJETOS: BREVES APONTAMENTOS

Minhas lembranças mais longevas são de trajetos, de caminhos que fiz com meus familiares, e das brincadeiras de imaginação que fazia comigo mesmo por esses percursos, memórias que fazem parte da minha criança que continuou na vida adulta, surgindo como uma curiosidade criativa a partir do olhar.



1º TRAJETO

3

1.1 O cotidiano como jornada criativa

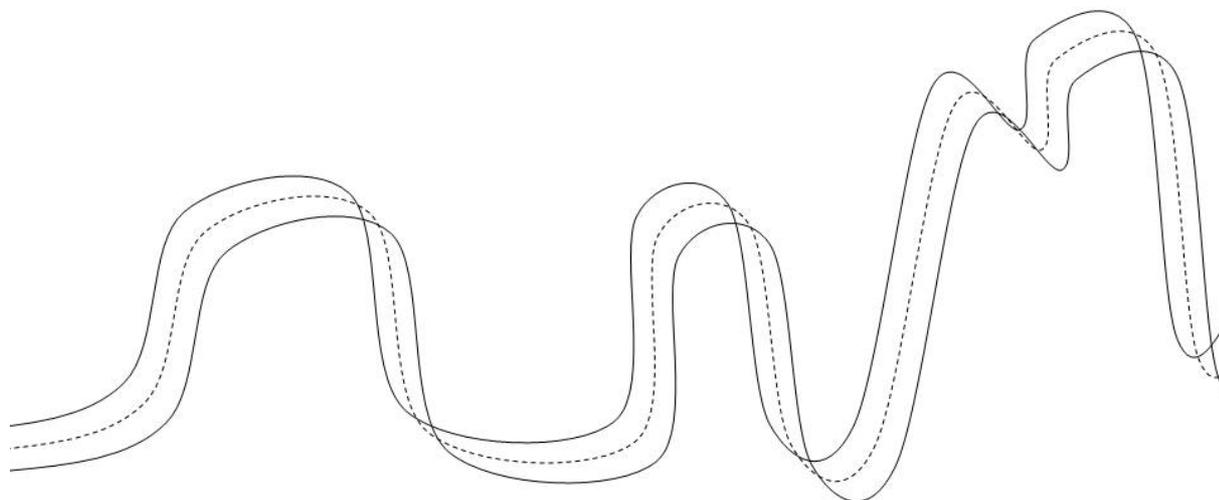
- COTIDIANO X ARTE CONTEMPORANEA
- COTIDIANO SEGUNDO MICHEL DE CERTEAU

cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilhar), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. Todo dia, pela manhã aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, e a partir do interior. É uma historia à meio-caminho de nós mesmos, quase retirada, às vezes velada [...]. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.



4

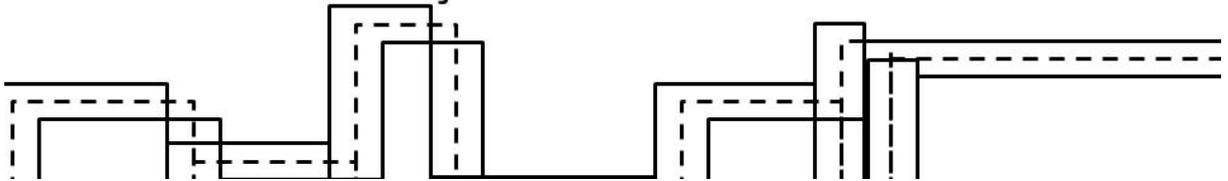
- COTIDIANO NA EDUCAÇÃO
- COTIDIANO NA ARTE-EDUCAÇÃO



- **INDIVIDUO X CIDADE**

Nós mantemos com a cidade uma relação em que está se apresenta, como formadora de imagem específica, dotada de sentidos e significados que orientarão as ações dos sujeitos em seu espaço de modo a afetar a formação de suas subjetividades (TERRAZA, 2015, p. 2).

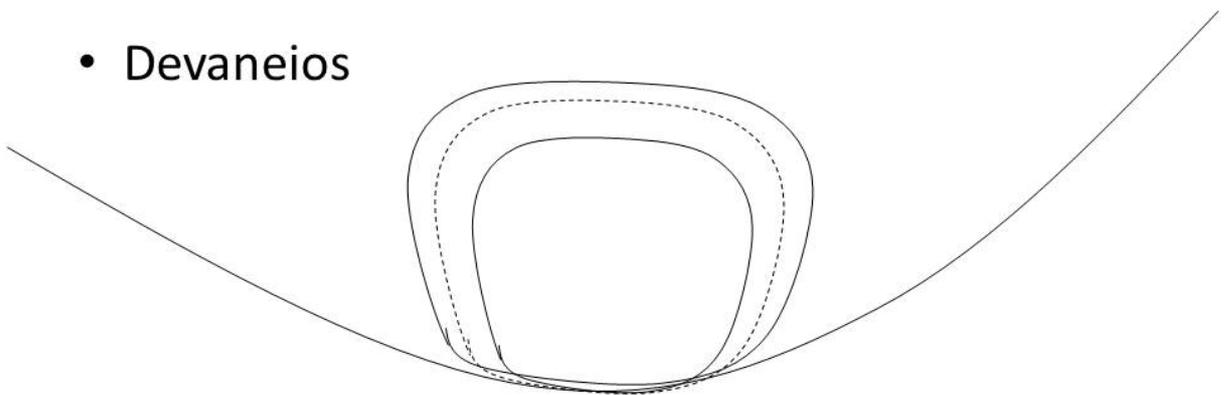
- **CONTEXTUALIZAÇÃO COMO UMA RESSIGNIFICAÇÃO DO OLHAR**



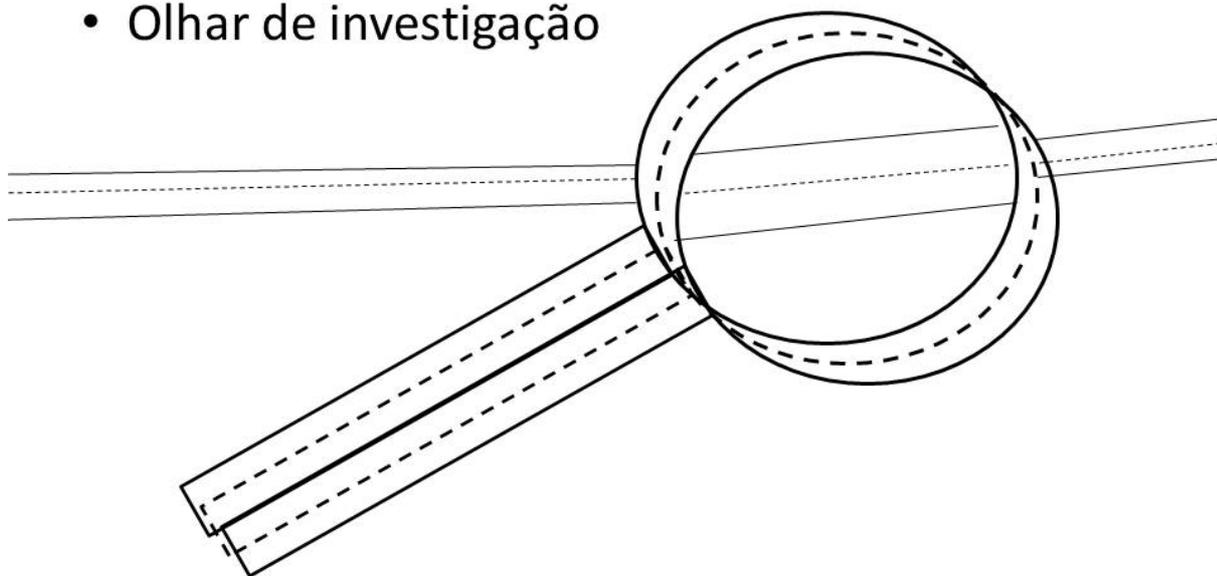
1º TRAJETO

1.2 Um olhar sobre superfícies e objetos

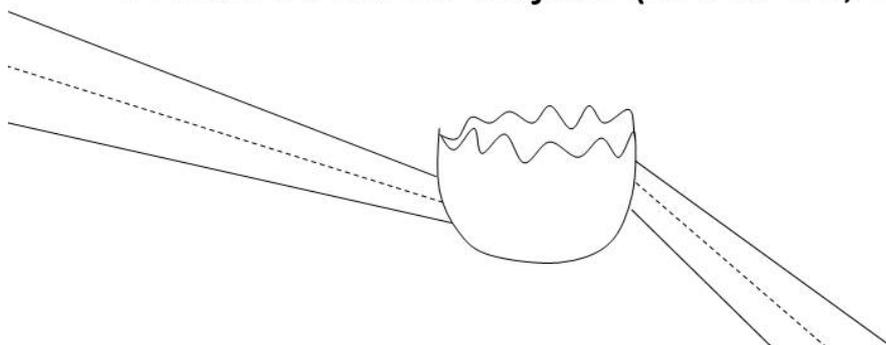
- Trajetos e trajetória
- Devaneios



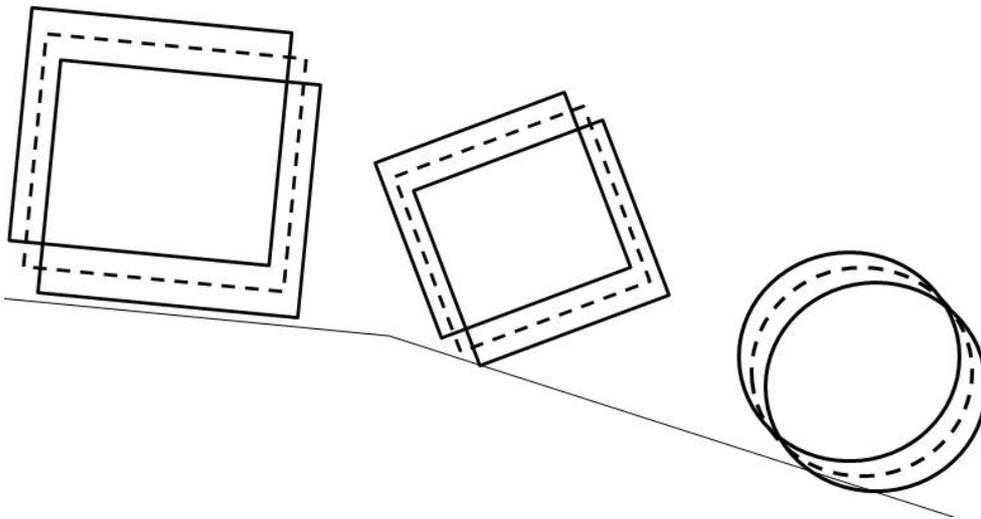
- “Olhar de estranhamento e redescoberta” (CAMPOS, 2015, P. 2)
- Olhar de investigação



- Coadjuvante X Protagonista
- O Olhar para além dos muros da Escola
- Olhar e urbanidade
- A vida se dá no trajeto (CAMPOS, 2015, p. 2)



Da reflexão sobre a vida, nasce a experiência sobre a vida(FERREIRA, 2015, p. 112)

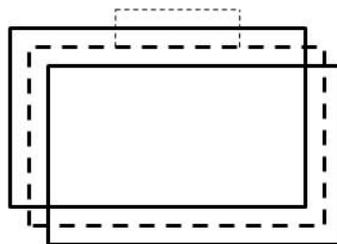


2º TRAJETO

10

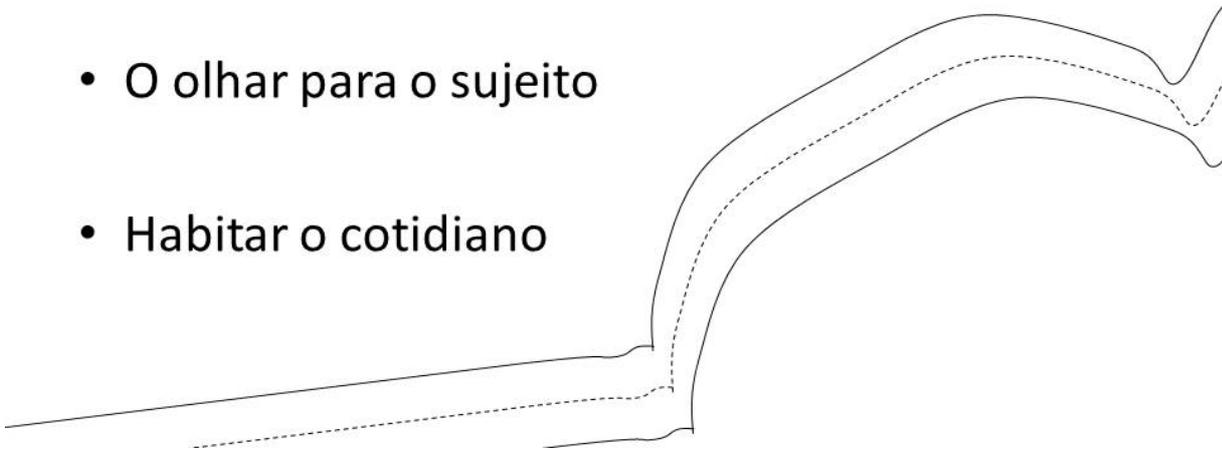
2.1 O Olhar como método reflexivo

- "Por que eu estudo isso?"
- Ausência da bagagem pessoal do estudante



- Descentralização
- Metodologia da presença
- Mediação
- O olhar para o sujeito
- Habitar o cotidiano

11

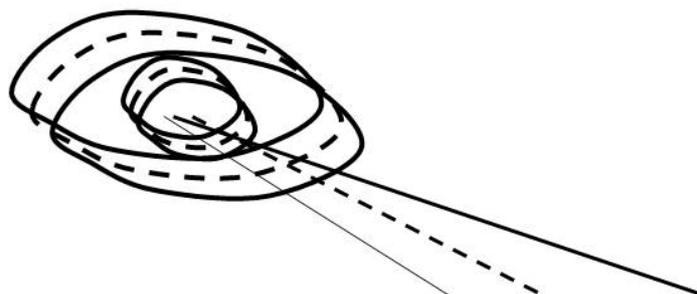


2º TRAJETO

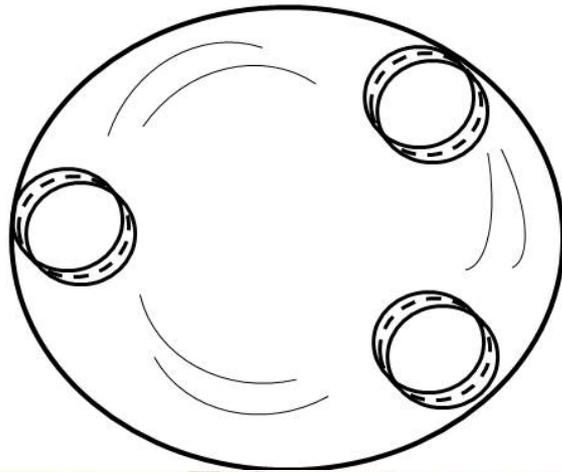
12

2.2 O olhar e o pensamento: formas de aquecer o corpo

- Aquecer o olhar
- O Olhar para o olhar



- Modos de ver o mundo
- Apropriação, pertencimento e ação



• Richard Serra,
Tilted Arc (1981)

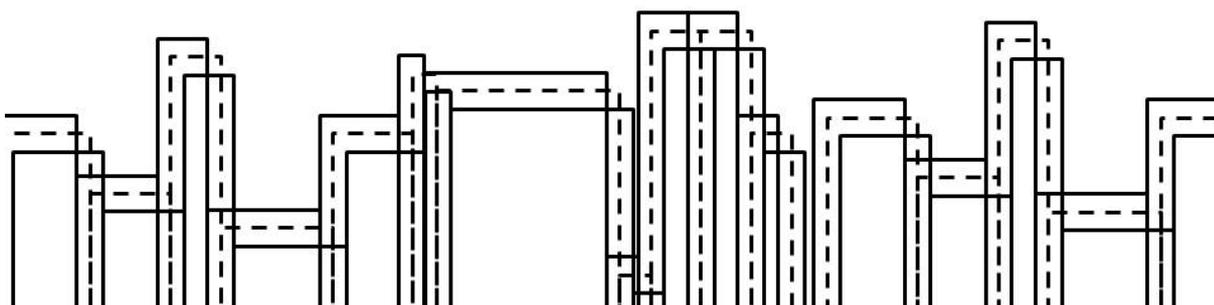


15

- Casa da bruxa

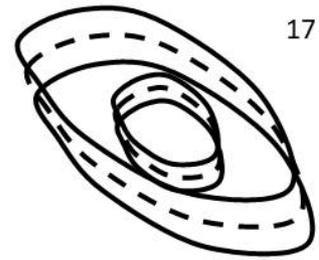
16

- A minha consciência da cidade é, por dentro, a minha consciência de mim.(PESSOA, 2006, p. 303).
- Legitimação do cotidiano



3º TRAJETO

3.1 O Olhar como método reflexivo



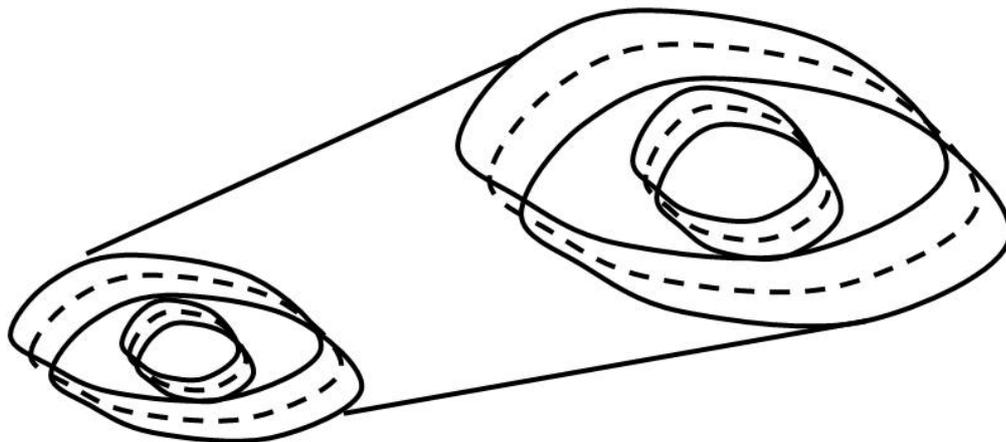
17

- Olhar e subjetividade

desencadear a consciência sobre o entorno, e provocar relações extensivas com a história da habitação e das cidades, e também com a história da arte. É quando os lugares passam a ser reconhecidos como plenos de significados para o ser humano. Tal olhar, do mesmo modo pode nos remeter ao trabalho de outros artistas que se debruçaram sobre o tema, de modo a construir lugares imagéticos ou pictóricos, cuja marca é a afetividade presente. O trajeto de casa para a escola, por outro lado, propicia um rico exercício de apreensão, que embora acostumada e automatizada com a rotina, pode ser surpreendida com detalhes nunca vistos, qualidades até então desconhecidas. Ali também há história e há pessoas, outros habitantes, autores de sua escrita urbana, grafada na casa velha de madeira, nas persianas gastas pelo tempo, no muro baixo, na pequena varanda com vaso de antúrio. Que seria se um dia parássemos para visitar esta mesma casa antiga, e conversássemos com os que ali moram? Que histórias teriam para contar?”. (OLIVEIRA E STRATICO, 2012, p. 8),

- O olhar ampliado
- Olhar do estudante como patamar

18

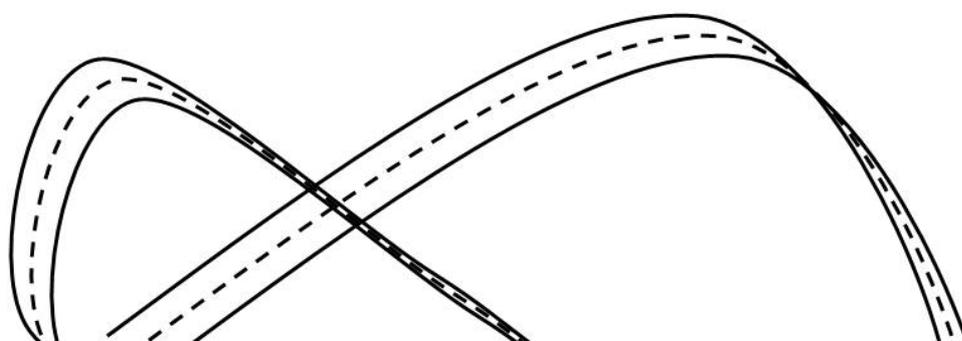


3º TRAJETO

19

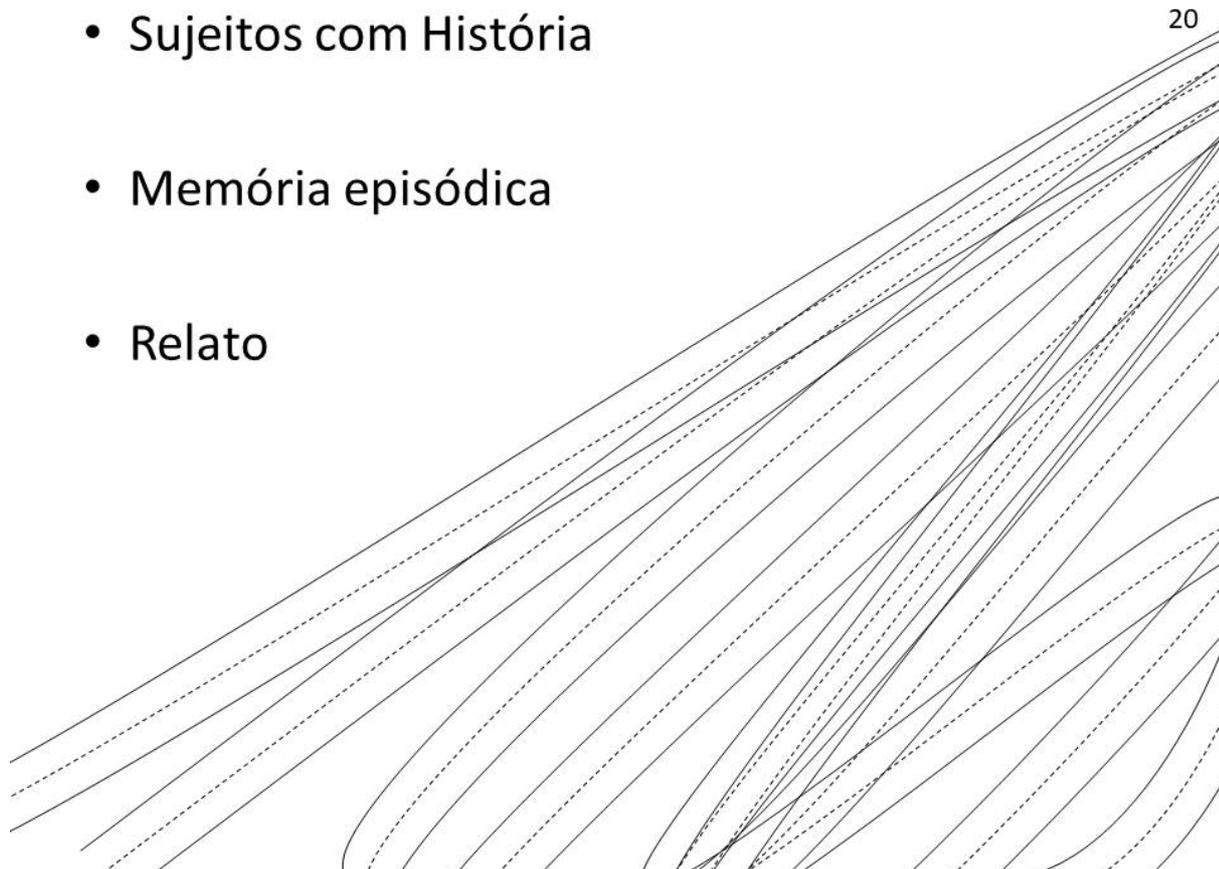
3.2 Proposição cartográfica para o ensino de Artes visuais

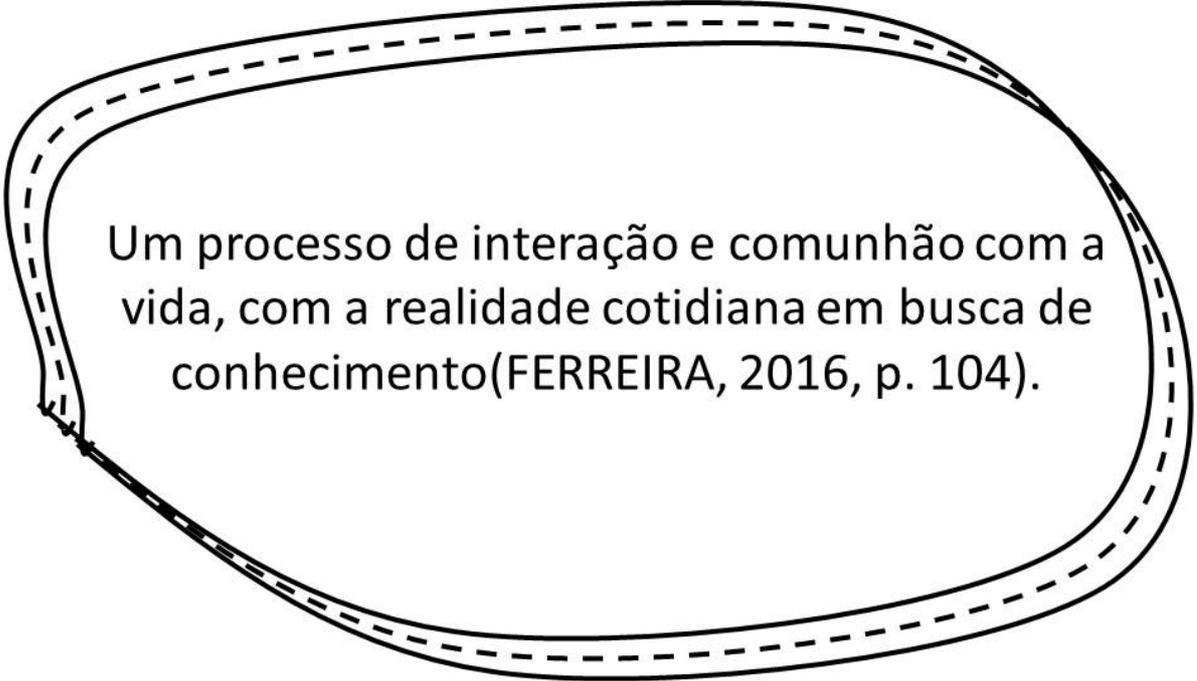
Não era um mundo estranho, era um mundo novo
(COELHO, Paulo, O Alquimista, 2017, p. 33).



- Sujeitos com História
- Memória episódica
- Relato

20





Um processo de interação e comunhão com a vida, com a realidade cotidiana em busca de conhecimento(FERREIRA, 2016, p. 104).